

opiniom

Luta LGBT+
e tradiçom marxista

3

acontece

A 'Xunta' retira apoio
ao Projeto Rios da Adeg

5

o bom viver

A última fugida
do guerrilheiro Xoán Soga

18



10

agostiño iglesias

Inaçom da 'Xunta' na crise ambiental

Após 20 anos do desastre do 'Prestige', de novo está a ser o povo a se organizar para limpar as praias perante a inoperatividade da 'Xunta'. Esta, além de demorar na tomada de medidas e ocultar e manipular informaçom através do controlo da CRTVG, contratou umha empresa de 'marketing' afim aos seus interesses para a formaçom do pessoal voluntário.

EM MOVIMENTO / 8

Rueda: de lugar-tenente a presidente da 'Xunta'

O atual presidente da *Xunta de Galicia*, Alfonso Rueda, foi umha escolha de Alberto Núñez Feijóo. Rueda ocupou a vacante de Feijóo por ascensom burocrática na escala. Impujo-se a sua folha de serviços: umha década como vice-presidente, umha provada lealdade a Feijóo e umha utilitária ausência de escrúpulos. O atual presidente eventual é um exemplo estelar da obediência servicial como carreira política de sucesso. Mas com umha retórica pobre e com um registo emocional plano, Alfonso Rueda oferece umha liderança abaixada, burocrática e de apoucado carisma.

EDITORIAL / Venhem eleições

CONSELHO DE REDAÇOM/ Aarón L. Rivas, Charo Lopes, Elena Martín Lores, José João Rodrigues, Laura R. Cuba, Maria Álvares.

CORREÇOM LINGUÍSTICA/ Alba Soeira, André Taboada Casteleiro, Daniel Amarelo, José João Rodrigues, Lucía Cernadas, Rosa Casais, Vichu García Torea, Xian Naia S.

MAQUETAÇOM/ Novas da Galiza
COORDENAÇOM DE IMAGEM/ Charo Lopes
ADMINISTRAÇOM/ Antia Balseiro
WEB E REDES SOCIAIS/ Laura R. Cuba, Ares Branco Lopes

COLABORAM NESTE NÚMERO/ Agostiño Iglesias, Daniela Ferrández, X. Pons, Luisa Cuevas, Manuel M. Barreiro, Isabel García Couso, João Avelado, Erik Dobaño, Paulo Gamalho, Alberto Paz-Félix, Samuel Pimenta.

FECHO DE EDIÇOM 26/01/2024

EDITA/ Associação Cultural Minho Média

SUBSCRIÇONS/ assinantes@novas.gal

Os conteúdos deste jornal som de livre reproduçom, sempre que se citar procedência e se respeitar a opçom normativa

DEPÓSITO LEGAL / C-1250-02

Antes do próximo número do NOVAS DA GALIZA já conheceremos o próximo governo da Comunidade Autónoma Galega. As sondagens eleitorais exponhem a possibilidades de que o PPdeG perda a maioria absoluta, o que daria a oportunidade ao BNG e PSdeG de conformar governo –a que poderia unir-se a franquicia galega de Sumar caso consiga representaçom– pola primeira vez desde o bipartido de Toruiño e Quintana.

A atual crise ambiental –e nom só– dos pellets traz um ar de *déjà vu* a estas jornadas de pré-campanha eleitoral. Ainda que a atual crise nom tenha a magnitude da catástrofe do *Prestige*, ficou de relevo mais umha vez a ineptitude dos governos autonómico e estatal como defensores dos interesses ecossociais do nosso país.

Além da crise ecossocial, que foi um dos fatores determinantes para que em 2005 o PPdeG perdesse a maioria absoluta, pode haver outro elemento comum, que é a falta de umha liderança forte no partido da direita galega. Em 2005 a figura de Fraga achava-se desgastada, chegando mesmo a padecer desmaios em sessons parlamentares, e atualmente Alfonso Rueda nom conta com o carisma do Feijóo, quem está na capital do Reino de Espanha participando de um projeto ultra-espanholista que na Galiza nom defendia.

Fica na incógnita se está presente hoje outro elemento que em 2005 foi elementar: a consciência estendida a nível popular de que quem leva anos governando nom está à altura das circunstâncias.



Manifestaçom em defesa do mar, em Compostela, no 21 de janeiro.

E à altura das circunstâncias terá que estar um governo de BNG e PSdeG, se conseguem que a populaçom galega que participa das eleições lhes mostre a sua confiança. A tarefa é imensa após todos estes anos de governos do PPdeG, desde efetuar um plano para reestabelecer a atençom primária no Sergas até avançar na luta contra a mundaça climática, assim como desenvolver políticas feministas e LGBT+ ou dar um futuro no país à mocidade. E nom só, num momento em que as forças independentistas estão a ganhar relevância na política do Estado, um governo encabeçado polo nacionalismo pode ter a oportunidade de deixar atrás fórmulas autonomistas e avançar de forma decidida para a autodeterminaçom.

Seja qual for o resultado do próximo Domingo de Pinhata, após entrudos e campanhas eleitorais, continuará a certeza de que a autoorganizaçom popular vai ser necessária para a supervivência do povo galego, além da cor das representantes políticas.

Comunicado de urgência da Coordenadora Galega de Solidariedade com a Palestina

Diante do ditame do Tribunal Internacional de Justiça da Haia a respeito da denúncia contra o Estado de Israel interposta pola República da África do Sul, [...]

1 Agradecemos a iniciativa da República da África do Sul e felicitamos a sua equipa legal por ter conseguido deixar claro, segundo todos os indícios, que os atos de Israel em Gaza e contra o povo da Palestina podem ser constitutivos de genocídio. [...]

2 Felicitamos o Tribunal Internacional de Justiça por ter resistido as pressons recebidas do campo imperialista por via diplomática e mediática, e por ter emitido este ditame, que reconhece indícios sólidos do crime israelita e aceita a proposta de medidas cautelares da África do Sul. [...]

3 Lamentamos que apesar de todas as evidências, o TIJ nom tenha ordenado um cessar-fogo imediato. Mesmo assim, sublinhamos o facto de que o próprio TIJ reconheça de forma implícita que a necessidade de proteçom do povo palestino é urgente, e que, da mesma maneira, se urja os estados a cumprir com as suas obrigas sob a Convençom para a Prevençom e a Sançom do Delito de Genocídio. Isto implicaria, para já, umha imediata suspensom do comércio de armas com Israel [...].

4 Neste sentido, as organizaçons assinantes deste comunicado continuaremos pressionando os governos galego e estatal, assim como a Uniom Europeia, para que de umha vez por todas se impliquem na resoluçom do conflito de acordo com o direito internacional. [...]

5 [...] É fundamental fazermos extensivas as conclusons deste ditame às potências imperialistas que sustentem Israel.

Chamamos a participar na vindoura convocatória da solidariedade no dia 5 de fevereiro para continuar exigindo o fim das açons militares contra o povo palestino, a entrada imediata de ajuda humanitária em Gaza, o cancelamento do comércio de armas com Israel, a perseguiçom judicial dos responsáveis deste genocídio e o fim da Ocupaçom da Palestina e o seu reconhecimento internacional. Palestina Vencerá!

Asociación Galaico-Árabe Jenín, a BDS Galiza, a Galiza por Palestina e a Mar de Lumes / Galiza, a 26 de Janeiro de 2024





Manifestaçom 'Queerunha', em 2008. maribolheras precárias

Abolir o género, abolir o capital

DANIELA FERRÁNDEZ

No passado 8 de janeiro foi apresentado na livraria compostelana Lila de Lilith o livro de Ira Hybris *Mutantes y divinas: elementos de crítica transgénero*, todo um tratado sobre as tradições teóricas do marxismo *queer* e uma proposta de futuro, livre da organização social e moral da burguesia, que divide os nossos corpos em função da reprodução do trabalho assalariado.

Esta obra chega na altura idónea em tanto que o panorama político continua atravessado pelo debate gerado ao redor da lei trans, que contou com partidárias e detratórias ao redor de todo o arco político da esquerda, também a nacionalista. Assim, no seu texto, Ira Hybris faz um chamado a si-

Em 'Mutantes y divinas: elementos de crítica transgénero', Ira Hybris faz um chamado a situar os debates dentro da tradição marxista

tuar os debates dentro da tradição marxista, tendo em conta os contributos teóricos esquecidos de marxistas *queer* como Mario Mieli, e as suas propostas encaminhadas na linha do abolicionismo de género. Deste modo, Ira debulha este conceito no quadro desta

tradição teórica, concluindo que o mesmo não se refere á eliminação do trans do panorama sociológico, como por vezes parece se intuir em certos debates, mas ao horizonte de um futuro utópico em que as relações de género deixem de estar estruturadas para servir ao capital.

E é que, como demonstra a tradição teórica do marxismo *queer*, a luta LGBTQ+ e *queer* sempre esteve ligada a esta questão, que nom é outra que o facto de que o que as pessoas têm entre as pernas nom seja definitivo do seu rol nem comportamento social. Trata-se de rachar com a norma burguesa e patriarcal estabelecida unicamente para dominar e controlar os processos de (re)produção social. De

comprender que estas lutas não são tanto os desejos de uma minoria, mas a ruptura das cadeias que oprimem uma maioria.

Esta visão já estava presente nos debates que mantinham os movimentos de libertação homossexual da segunda metade dos setenta. Assim, entre a escassa documentação que se conserva da primeira organização no país, a Frente Galega de Liberación Homossexual (FGLH) aparecia Mieli como bibliografia recomendada. Nas entrevistas nos jornais já assinalavam o impacto da escola, a igreja e o Estado na hora de construir uma sociedade heterossexual e heterocentrada, à vez que a aliança constante com o feminismo por ter em frente “a mesma sociedade machista”. A sua luta não acabava na consecução de direitos específicos, também necessários, como a despenalização da homossexualidade ou a inclusão social das pessoas que “mudaram o sexo”, como também que se acrescentava a das operárias, associações de moradoras, grupos ecologistas e organizações sociais e políticas com um horizonte revolucionário de mudança social.

Num presente marcado pela reação defensiva da moral burguesa, a se empregarem argumentos como o contágio social que produz na juventude a população desviada da norma sexual, a patologização ou a presunção de criminalidade, faz-se mais preciso do que nunca voltar aos debates e às aprendizagens de quem nos precedeu, com o olhar posto numa utopia comum de liberdade. Tanto o libro de Ira como a história da dissidência sexual da Galiza são, sem dúvida, ferramentas precisas nesse caminho.

Daniela Ferrández é doutora em História Contemporânea e ativista trans.

fai a tua subscriçom,
por apenas 35€/ano,
em

www.novas.gal/loja



freepik

Políticas ambientais, para quando?

X. PONS

A chuva persistente deste outono, que parece não abandonar Galiza no inverno, pode servir de engano e fazer pensar que neste cantinho do Atlântico estamos livres da mudança climática que, com certeza, afeta todo o planeta e também a nós. Ora, se falarmos em mudanças imediatas, muitas sabemos que o país necessita com urgência uma mudança política que devolva esperança às galegas e dê a oportunidade de avançar na autogestão de um país com graves problemas estruturais.

Nisso estamos. O BNG tem agora a oportunidade de governar a Xunta, mas pode decidir também como quer fazê-lo: convertido num partido *catch all*, uma espécie de gaveta onde cabe tudo sem pôr o foco na ideologia para chegar e aguentar quatro anos ou se, pelo contrário, quer exercer uma autêntica política de esquerdas dando respostas aos principais reptos globais, que suponham dizer à população que tem de fazer renúncias no plano individual e no seu modelo de consumo, porque a emergência climática está aqui e é agora.

Galiza importa três quartas partes de energia de terceiros países, o que demonstra que o nosso país não planificou a sua transição ecológica

No âmbito urbano, que modelo escolhe o BNG para o país? Se Ponte Vedra representa um modelo referente no urbanismo mundial, a priorizar a vida e as pessoas, com a eliminação do trânsito rodado, o recente governo de Compostela não consegue fazer a cidade mais amável para as cidadãs: um cúmulo de trânsito de carros, sem um transporte público bem articulado, com as principais vias de acesso cheias e uma turistificação constante que dificulta a vida das vizinhas.

O BNG tem de decidir onde tem o foco: em ganhar medalhas pelas reduções que conseguiu na AP9, seguindo um modelo de consumo individualista com custos ambientais mas com uma

alta rendibilidade eleitoral, ou na procura de alternativas ao carro e na mobilidade sustentável baseada em conectar com comboios de proximidade as principais cidades.

A formação nacionalista tem de questionar-se também uma alternativa sustentável para o rural, diferente do turismo que representa o Caminho de Santiago. Como reativar o setor primário quando os preços do leite ou da carne são ditados pelas grandes superfícies distribuidoras?

Pouco ou nada fala o BNG da existência de três aeroportos num momento em que está acima da mesa a redução dos voos de médio curso... Se em tempos apostou num AVE a Madrid, teria de propor a eliminação dos voos à capital espanhola, sobretudo num momento em que a pressão turística em Compostela representa também um aumento do trânsito aéreo.

Quanto ao mar, o relatório apresentado pelo IPCC diz que a redução de postos de trabalho vinculados ao mar na Galiza vai ser drástica nos próximos anos, pois o aumento de temperatura e dessalinização das rias já está

a provocar uma alta mortalidade nos bivalves. No mar há cada vez menos peixe e a Galiza não pode depender dos ditados de quotas marcadas pela Europa que podem ser mais ou menos favoráveis. A gestão do nosso mar obriga-nos, ainda, a liderar uma resposta global ao trânsito de combustíveis fósseis que há vinte anos encheram de chapapote, e agora de plásticos, as nossas rias.

Também não podemos continuar com a Sogama, um modelo obsoleto baseado na queima dos resíduos, tentando enganar com valorizações energéticas falsas (sendo a própria UE que deu a chamada de atenção à Xunta, e não o BNG). Qual é o modelo de recolha de resíduos que pensa implantar o BNG em todo o país nos próximos anos se tem de atingir os objetivos da agenda 2030 e chegar a 60% de reciclagem?

O que vai fazer o BNG com a rotatória de plantar eucaliptos que acaba em 2025 se ganhar a Xunta? E, em consequência, qual é o seu modelo de política florestal?

E a energia? O recente relatório de Greenpeace e o Observatório Galego de ação climática é claro: a Galiza é deficitária em energia renovável. Contrariamente às teses nacionalistas, Galiza importa três quartas partes de energia de terceiros países, o que demonstra que a Galiza não planificou a sua transição ecológica. Galiza não é a grande potência energética que nos dizem que somos. Não falamos de encher os montes galegos de eólicos, mas de os situar nos principais centros de produção.

O BNG tem agora oportunidade de ser claro e dizer quais são as suas políticas ambientais para o país nos próximos anos. Tem agora a oportunidade de poder ganhar um setor de juventude e da esquerda que provavelmente não o vota porque não confia nas suas políticas. 80% da população galega está preocupada pela mudança climática; se o BNG também o estiver, tem de atuar como as principais forças de esquerda mundiais, porque a defesa do território também é política.

X. Pons é politólogo e técnico ambiental.



Representantes da Adega em roda de imprensa. adega

A 'Xunta' retira o seu apoio ao Projeto Rios

A organização Adega fica sem nenhuma colaboração da administração autonómica

redaçom

A associação ecologista Adega informou recentemente de que a *Augas de Galicia*, entidade adscrita à *Consellería de Infraestruturas e Mobilidade*, nom renoverá em 2024 o convénio de colaboração com esta organização relativo ao Projeto Rios. A Adega anunciou esta notícia nunha roda de imprensa em que também denunciou que a Xunta nom vai oferecer nenhum tipo de suporte ao voluntariado ambiental mobilizado para a limpeza de *pellets* nas praias. Da organização ecologista afirmam que com estas decisons a *Xunta* “nom está ‘punindo’ a Adega, mas os milhares de galegos e galegas e de voluntários e voluntárias que querem contribuir de forma desinteressada a cuidar e proteger o território”.

A decisom do fim da colaboração institucional sobre o Projeto Rios “pa-

rece definitiva”, expujo a Adega. A atitude da *Augas de Galicia* pom em risco a continuidade deste projeto de educação ambiental mas a organização ecologista nom renuncia a ele. A Adega afirma, na nota de imprensa enviada aos meios, o seu compromisso de continuar com esta atividade, “procurando o apoio de outras instituições que realmente apostam na educação e no voluntariado ambiental”.

A administração autonómica justifica que deixará de oferecer esta ajuda nominativa ao Projeto Rios para abrir umha convocatória aberta de subvenções para entidades de educação ambiental. Porém, esta decisom racha com um convénio que levavam mantendo durante duas décadas e implica que atualmente a *Xunta* nom mantenha nenhum tipo de colaboração com a Adega. O convénio anual do Projeto Rios contava com um financiamento de 50.000 euros para desenvolver as diversas atividades

A associação ecologista mostra o seu compromisso de continuar com a atividade “procurando o apoio de outras instituições que apostam na educação ambiental”

vinculadas com esta iniciativa. Fontes da organização ecologista apontam que tal quantidade calhou ser insuficiente para poder desenvolver o projeto no seu conjunto.

Vinte anos de Projeto Rios

Neste 2024 a iniciativa Projeto Rios atingiria o seu vigéssimo aniversário. Segundo expom a Adega, esta iniciativa “desenvolve cada ano um monte de atividades educativas e divulgativas para umha comunidade de mais de

6.000 voluntárias e voluntários, centos de centros de ensino e dúzias de associações ambientalistas, culturais e de moradoras de toda a Galiza”. Parte da iniciativa é a campanha *Móllate polos ríos*, umha recolha de resíduos em vários percursos fluviais do país “em que cada ano desde há já dezasseis participam umha média de mil pessoas”, estima a Adega.

Nesta limpeza simultânea anual dos rios galegos participam dúzias de entidades culturais, sociais e de base. Entre elas, encontra-se a associação cultural A Gentalha do Pichel, de Compostela, que já publicou em redes um comunicado em apoio ao trabalho da Adega. “Custa-nos entender as causas que levam o governo da Xunta a retirar o apoio económico a um projeto com tanta implantaçom e utilidade para o país nom sendo que se trate de um castigo pola defesa ativa que Adega fai do meio”, denuncia A Gentalha do Pichel no seu comunicado. ●

luisa cuevas

O movimento global BDS (Boicote, Desinvestimento e Sanções) trabalha para acabar com o apoio internacional ao Estado de Israel e a

opressão do povo palestino por parte da entidade sionista, assim como para pressionar que se cumpra com o direito internacional. Falamos com Melisa Salgado Vega, ativista da BDS Vigo, para conhecer mais de perto o trabalho agitado deste movimento.



Melisa Salgado Vega
ativista da BDS-Vigo

luisa cuevas

“Gaza está sendo aniquilada e privada das necessidades básicas para a vida”

Poderias fazer-nos um resumo da história deste conflito?

Este conflito surge há 100 anos com a declaração de Balfour, quando Inglaterra estabelece na Palestina um lugar para criar um estado judeu sionista. No ano 1948, quando começa a ocupação ilegal da Palestina, inicia-se a chamada Nakba, que não é outra coisa que a expulsão do povo palestino do seu território.

A partir deste momento, a entidade sionista colonizou a maior parte do território do mapa histórico da Palestina, quedando na atualidade separado em duas zonas: a massacrada Faixa de Gaza e Cisjordânia, que tampouco é

“As campanhas de boicote continuam a ser um êxito a nível mundial. Há um mês, após três anos de campanhas, conseguiu-se que a Puma deixe de ser a patrocinadora da seleção de Israel”

alheia aos ataques diários do exército sionista e dos seus colonos.

Em Cisjordânia também se estão a assassinar moços e moças, também há detenções ilegais, roubo de casas, demolições, destruição de cidades e infraestruturas e também se proíbe o acesso de fiéis à Mesquita de Aqsa em Al-Quds (Jerusalém).

O estado de Israel está a ocupar mais território deixando ao povo palestino sem espaço, qual pensas que é o objetivo final?

Levamos mais de 100 dias de guerra genocida em Gaza e não parece que vá acontecer um cessar-fogo nem ne-

ningum tipo de acordo. Gaza está sendo aniquilada e privada de todas as necessidades básicas para a vida. Não há equipamento médico, nem eletricidade, nem água, nem comida, já que o ocupante proíbe que entre qualquer tipo de ajuda desde o Cruz de Rafah, ao sul do sector, na fronteira com Egipto. Por outra banda, os hospitais deixaram de funcionar por falta de combustível para os seus geradores. Isto é um genocídio sem precedentes que já custou a vida a 30.000 palestinianas, a maioria mulheres e crianças.

Fala-se muito do direito de Israel a defender-se mas Israel ▼

► é o estado ocupante. Onde fica o direito do povo palestino a defender-se?

O estado sionista leva cometendo crimes de guerra 100 anos. Um estado ocupante não tem direito legítimo à defesa, só o estado ocupado tem esse direito e assim o recolhem as leis de direito internacional.

Como vê a resposta solidária do povo galego?

Desde o início da guerra, figérom-se infinidade de atos, concentrações e manifestações em todas as cidades. Notamos muito o apoio do povo galego cara ao povo palestino.

Em Vigo, por exemplo, houve concentrações semanais, duas manifestações e o sábado 20 de janeiro unimo-nos à convocatória a nível estatal em que participárom mais de 80 cidades baixo o lema 'Fim do genocídio em Gaza. Fim ao comércio de armas e relações com Israel'. Esta manifestação foi convocada por Rescop, Fim ao Comércio de Armas com Israel e os grupos BDS das cidades que participam.

Tendes dados da campanha de boicote aos produtos israelitas?

As campanhas de boicote seguem sendo um êxito a nível mundial. Há um mês, após três anos de campanhas, conseguiu-se que a Puma deixe de ser a patrocinadora da seleção de Israel.

Estamos a trabalhar em campanhas ativas de boicote à Carrefour por ser cúmplice do genocídio em Gaza e por ter acordos comerciais com a entidade sionista, ademais de prover de víveres aos soldados que estão a massacrar a população civil.

As marcas e empresas a boicotar som infinitas, mas focamos os esforços seguindo umhas diretrizes segundo nos indica o comité nacional palestino de BDS para que o boicote seja efetivo.

Em Vigo temos outra campanha ativa neste senso dirigida à agência imobiliária Re/Max, com sê na rua Policarpo Sanz. Esta agência comercializa e vende propriedades em assentamentos ilegais 'israelitas' construídos sobre terrenos palestinos roubados e ocupados ilegalmente facilitando assim a colonização da Cisjordânia e todos os territórios ocupados em 1948.



Manifestação em Vigo o dia 20 de janeiro. luísa cuevas

Aliás, estamos na campanha de fim do comércio de armas com Israel. Estamos a pressionar o Estado espanhol pela compra no passado mês de setembro do lança-mísseis Silam, desenvolvidos por Elbit Systems, umha das empresas israelitas que mais se lucra com a ocupação. Também, no passado outubro, se autorizou desde o estado espanhol a compra de 1.680 mísseis Spike. O valor das transações é de 576,4 e 285 milhões de euros respetivamente. Assim é como se financia um genocídio.

Finamente, também retomaremos a nossa campanha de boicote à Eurovisom, para evitar que a entidade sionista participe. Um Estado que comete um genocídio desde há 75 anos não deveria limpar a sua imagem com este evento.

Todas as nossas campanhas estão publicadas nas nossas redes sociais e qualquer pessoa pode participar delas e demonstrar a sua solidariedade com o povo palestino.

Que pensas da denúncia de África do Sul perante a Corte Internacional de Justiça?

O que fijo África do Sul enche-nos de orgulho e de esperança, esperemos

“Em Vigo temos outra campanha ativa neste senso cara a agência imobiliária Re/Max, com sê na rua Policarpo Sanz. Esta agência comercializa e vende propriedades em assentamentos ilegais”

“Retomaremos a nossa campanha de boicote à Eurovisom, para evitar que a entidade sionista participe. Um estado que comete um genocídio desde há 75 anos não deveria limpar a sua imagem com este evento”

que o Estado espanhol siga os passos do estado africano e exija que a entidade sionista seja sentada no banco por genocídio.

Qual pensas que é a solução para esta situação?

Os acordos de Oslo, assinados pela Casa Branca no ano 1993, iam ser em princípio a solução do conflito porque partiam do reconhecimento mútuo dos Estados. O problema é que a Organização para a Libertação de Palestina (OLP) assinou este acordo reconhecendo Israel como Estado, mas o ocupante reconhece a OLP como “representante do povo palestino”. Não se reconhecerom os direitos das palestinas nem se reconheceu um Estado independente.

Nunca se cumpriu nenhum aspeto dos mencionados acordos, só se fôrom adiando até chegar à realidade atual em que vive a Palestina: confiscação de territórios, assentamentos ilegais, colónias, o muro da vergonha e todos os crimes que dia a dia se executam em Gaza e Cisjordânia. Só cremos na existência de um Estado palestino, com a sua capital Al-Quds, no direito ao retorno e na libertação de todas as terras ocupadas. ●



ELEIÇÕES 18F /

Rueda, de lugar-tenente a presidente eventual

manuel m. barreiro

Em *Succession to High Office*, o antropólogo britânico Jack R. Goody identificou três formas de sucessão: a herança dinástica, a eleição e o nomeamento. A herança dinástica não é alheia aos conservadores galegos, a continuidade governamental, até datas bem próximas, da família Baltar dá conta do seu arraigamento. Núñez Feijóo, como presidente do PPdeG, foi sucessor eleito de Manuel Fraga. Pola contra, Rueda Valenzuela foi simplesmente um

nomeamento de Feijóo. Foi ele quem o designou sexto presidente da Autonomia galega.

Desde 2009 Feijóo jibarizou todo outro liderado no PPdeG e na *Xunta*. Nengum dos seus colaboradores estava em condições de ocupar o espaço de poder que ele monopolizou no partido e no Governo. Os epígonos só rivalizavam em submissão, servilismo e falta de iniciativa. Rueda ocupou a vacante de Feijóo por ascensão burocrática na escala. Impujo-se a sua folha de serviços: umha década como vice-presidente, umha provada lealdade a Feijóo como *presidente absoluto*, e umha

Umha década como vice-presidente, umha provada lealdade a Feijóo e umha utilitária ausência de escrúpulos: Rueda é um exemplo estelar da obediência servil como carreira política de sucesso

utilitária ausência de escrúpulos. Rueda é um exemplo estelar da obediência servil como carreira política de sucesso. Um entusiasta apologista condensou todos os seus méritos: 6.000 dias ao serviço de Feijóo.

De linhagem conservadora

O jornalista Fernando González Macías qualificou Rueda como um *chico bien* de Ponte Vedra. A sua família, de solvente avoengo conservador, fai parte da sociedade patricia ponte vedresa que se cita no Casino ou na cafeteria *Blanco y Negro*, onde, desde há décadas, se tecem amizades, paren-

tescos, todo-poderosas influências e notáveis carreiras políticas.

O seu pai, José Antonio Rueda Crespo, era um homem do partido, engenheiro agrónomo e chefe provincial do *Instituto Nacional de Reforma y Desarrollo Agrario* (IRYDA), concelheiro de Alianza Popular em Silheda (1983-87), senador (1982-89) e mao direita de Mariano Rajoy quando presidiu a Deputación de Ponte Vedra. Um notável da nomenclatura conservadora.

Em 1986 Rueda Crespo apoiou a malograda operação de Barreiro Rivas para forçar a demissão de Xerardo Fernández Albor. Fracassada a tentativa, incorporou-se com Barreiro a Coalición Galega e, após o revés eleitoral em 1989, abandonou a primeira linha política. Graças aos bons ofícios de Xosé Cuiña foi reabilitado e acomodou-se no Partido Popular em começos dos anos noventa.

Por via materna, Rueda empata com outra linhagem que lhe resultou de menor interesse e aproveitamento político: é sobrinho neto de Ramón de Valenzuela, militante do Partido Galeguista e depois do PCE, quem após safar da repressão franquista, fixo a guerra no quartel geral do Quinto Regimento de Enrique Lister e se exilou na Argentina, episódios dos quais nos deixou testemunho em *Nom agardei por ninguém* e *Era tempo de apañar*.

Feijóo-Rueda, combinação ganhadora

Os anais familiares registam a primeira implicação política de Alfonso Rueda como interventor de Coalición Galega em apoio à campanha de seu pai em 1989. Contodo, o seu *cursus honorum* começa nas Novas Xeracións em Ponte Vedra, que chegará a presidir em 1993. Opositor de êxito, ao rematar os estudos de Direito ganha umha vaga de secretário municipal que o levará até Cervantes, A Canhiza e Cambados. Concelheiro accidental em Ponte Vedra antes de ser nomeado chefe de gabinete de Xesús Palmou, conselheiro de Justiza e Interior, Rueda assistirá a fim do fraguismo como diretor geral de Administração Local.

Palmou foi quem chufou Rueda perante Feijóo para ocupar a secretaria geral do PPdeG em 2006. Desde



Com a sua mãe, Lola Crespo, e o seu pai, José Antonio Rueda Crespo, e umha das suas irmãs em Santo Bieito de Lérez, em Ponte Vedra.

A sua folha de serviço regista três episódios arrotados como um 'killer' político calculador e sem remorsos: o assalto de alcaldes e concelheiros do PPdeG ao Parlamento galego em novembro de 2005; a participação na manifestação de Galicia Bilingüe contra a política de normalização do galego em fevereiro de 2008 e a direção da campanha suja eleitoral do 1M de 2009 com a qual Feijóo logrou a sua primeira maioria absoluta

aquela exerceu como inflexível organizador da máquina de guerra eleitoral e social do PPdeG e entregou-se a criar um partido à medida das aspirações presidenciais de Feijóo pondo couto às novas e velhas baronias.

A sua folha de serviço regista três episódios arrotados como um *killer* político calculador e sem remorsos: o assalto de alcaldes e concelheiros do PPdeG ao Parlamento galego em novembro de 2005; a participação na manifestação de Galicia Bilingüe contra a política de normalização do galego em fevereiro de 2008 e a direção da campanha suja eleitoral do 1M de 2009 com a que Feijóo logrou a sua primeira maioria absoluta. Desde entom, Feijóo e Rueda acreditáram-se como combinação ganhadora. A sua dedicação foi premiada: conselheiro no primeiro gabinete de Feijóo, vice-presidente desde 2001, sucessor designado em 2022.

Presidente eventual

Rueda e Rosa Quintana, a ex-conselheira de Pesca, som as únicas duas pessoas que sentáram em todos os conselhos da *Xunta* presididos por Núñez Feijóo. Ainda contodo, nem os seus mais devotos haxiógrafos som quem de salientar atuações de relevo devidas à sua gestom como vice-presidente e conselheiro da presidência. Rueda é um gestor de inercias e roti-

nas. Ordem sem talento. O seu deslustrado liderado desacouga mesmo a nomenclatura conservadora.

Quando acede à presidência da Xunta fai-no assim com um baixo grau de conhecimento público e a umha gestom pouco valorada. De pobre retórica e com um registo emocional plano, oferece um liderado abaixado, burocrático, de apoucado carisma. Pesa-lhe umha alta pose aristocrática e a distância soberba que guarda com a cidadania plebeia. Rueda imita os administradores coloniais que Éric Vuillard descreve em *Umha saída bonrosa*.

Num momento de euforia, Alfonso Rueda qualificou o seu Executivo como “o melhor governo que existe em Espanha”. O Melhor Governo brilha na imprensa encomiástica e padece horrores quando se avaliam em concreto as consequências das suas políticas. A crise ambiental causada pola vertedura de *pellets* do *Toconao* deixou novamente à luz a sua absoluta incompetência. O continuismo imobilista da presidência eventual de Rueda acelera o trânsito ultra-conservador do autogoverno mínimo cara ao autogoverno fantasmal da Pós-Autonomia. Rueda é o candidato da Coalición Imobilista, que gere os interesses das grandes corporações económicas e governa a maioria dos meios de comunicação na Galiza. No 18F decidiremos se há umha alternativa de mudança. ●



agostiño iglesias

CRISE AMBIENTAL /

Milhares de pessoas gritam ‘Nunca Mais’ a um PP que pode perder a ‘Xunta’

maria álvares rei
mariaalvaresrei@novas.gal

As ruas de Compostela no passado 21 de janeiro, acolhiam a mobilização mais numerosa dos últimos anos no país. A consigna ‘Nunca Mais’ que situou a Galiza no mapa mundial há vinte anos voltava a ouvir-se na capital para recolher a raiva e a indignação pola gestom de umha nova catástrofe ambiental nas nossas costas.

As coincidências na gestom desta crise com a do *Prestige* gerida naquela altura por um PP com Manuel Fraga à frente fôrom o detonante da convocatória em que, como entom, o setor pesqueiro e as organizaçoms ecologistas

estám sendo as protagonistas. Isto depois de que a *Xunta* se demorasse mais de três semanas a atender os avisos das populaçoms afetadas polos despejos de pellets e ativar o nível de alerta.

Como há vinte anos, as organizaçoms convocantes denunciaram as mentiras e a ocultaçom como técnica empregada para tentar minimizar o desastre ambiental que pode ser chave para propiciar umha mudança de governo em Sam Caetano.

O governo da *Xunta*, esta vez com Alfonso Rueda à frente, volta a estar em jogo vinte anos após a chegada do chapapote à Galiza: nas últimas semanas os inquéritos fôrom mudando desde umha nova maioria absoluta para o PP até ser favoráveis a umha

Nas últimas semanas os inquéritos fôrom mudando desde umha nova maioria absoluta para o PP até ser favoráveis a umha possível queda de um governo que leva quatro legislaturas consecutivas

possível queda de um governo que leva quatro legislaturas consecutivas.

Como já acontecera em 2002, fôrom os coletivos na defesa do mar a encabeçar o percurso da mobilizaçom para denunciar actuaçom das *Consellerías do Mar e de Medio Ambiente* desde a chegada dos primeiros *pellets*, vivendo com solidom a chegada de um novo despejo que incide diretamente nos seus postos de trabalho.

No manifesto conjunto lido numa praça do Obradoiro quase cheia, as organizaçoms convocantes assinalavam a gestom da *Xunta*: “mais umha vez minimiza o problema, ignora os dados científicos e nom resolve mais que com mentiras e incompetências” ao tempo que a responsabilizavam de falta de

ação e criticavam “o fracasso dos sistemas operativos de segurança marinha, tanto de Salvamento Marítimo dependente do Estado como o Serviço de Guarda-costeira, dependente da *Xunta*”.

Também reclamaram coordenação e transparência à *Xunta* e ao Estado na retirada das sacas que ainda continuam no mar, bem como o fornecimento de meios para recolhê-los na costa, proteção e contentores nas praias. Ainda solicitaram às instituições internacionais a declaração dos *pellets* como mercadoria perigosa, fundamental para lutar contra a contaminação que padecem as costas galegas.

Além disto, a mobilização servia para alarmar sobre a perda de produtividade das rias, um problema acusado durante este ano que a *Consellería do Mar* nom está a abordar. Segundo as estimações, a Galiza este ano está a produzir 76% menos de berberecho e 65% menos de amêijoas.

O presidente da *Plataforma en Defensa da Ría de Arousa* (PDRA), Xocas Rubido, denuncia que o “marisqueio está em risco de desaparecimento” e a “*Xunta* nom cumpre com as suas obrigações”.

Rogelio Santos, presidente da *Plataforma en Defensa da Ría de Muros e Noia* (Plademar) também falou no ato para reivindicar a participação na esfera política da gente do mar: “assistir a umha manifestação é política e nom assistir também é política”; pedia “uma mudança urgente no modelo pesqueiro e de cuidado ambiental”, seja quem for quem gove a *Xunta*. O ativista, muito conhecido polo seu labor de divulgador em redes sociais, fora assinalado dias antes por setores próximos do PP pola sua falta de parcialidade por ser irmão da ex-secretária de organização de Podemos na Galiza.

Santos também alçou a voz em concordância com as associações ambientalistas na importância “do saneamento das rias, do controlo do desembalse das barragens que está a matar o marisco e nas indemnizações ao setor pesqueiro e marisqueiro quando tem de parar a atividade”.

A cena política despregou-se em Compostela

A mobilização serviu também para que as porta-vozes dos principais par-

tidos políticos, nom só galegos –com a exceção do PP–, se somassem à convocatória ambientalista consciente de que a crise e a gestão do PP pode inclinar a balança do lado de um governo progressista, reeditando como já acontecera após o *Prestige* um bipartido, mas desta vez co BNG à frente da presidência da *Xunta*.

As candidatas Ana Pontón (BNG), e Marta Lois (Sumar), a *Ministra de Trabajo* Yolanda Díaz, a candidata às eleições europeias Irene Montero e o candidato socialista José Ramón Gómez Besteiro alçavam a sua voz numha mensagem para criticar “as mentiras” a que foram expostas a cidadania galega desde a primeira chegada de *pellets* às nossas costas.

Falta de operatividade para gerir a contaminação

As redes sociais fôrom determinantes nesta ocasião para denunciar a passividade da *Xunta* diante das chamadas de alerta das vizinhas, das trabalhadoras do mar e da associação *Noia Limpa* que indicavam a chegada dos primeiros microcorpos de plástico às costas do Barbança a 15 de dezembro. Eram parte da carga que o buque mercante *CSAV Toconao* perdera no 8 de dezembro perante as costas portuguesas. Desde o dia em que as autoridades portuguesas avisaram da catástrofe, nada aconteceu. Nem *Xunta* nem o governo central com competência sobre o mar ativaram um plano de contingência por contaminação marinha acidental ante a aparição dos microplásticos.

Diversas entidades ecologistas como a Adegas denunciavam em dezembro que “nenhum organismo estava a controlar os efeitos do despejo, detectar os pontos de contaminação e acotar as praias afetadas para proceder à retirada”. Durante semanas os trabalhos de retirada dos *pellets* fôrom voluntárias convocadas por associações ecologistas sem nenhum tipo de meios, nem indicações de organismos públicos. Repetiu-se portanto a cena da gestão dos incêndios ou do chapapote. Yasmina García, técnica ambiental, denuncia que durante os primeiros dias as pessoas que acudiam de maneira voluntária nom sabiam como retirar os *pellets* porque nom havia pessoas ex-



isabel garcia couso

peritas para dar explicações nem um protocolo de retirada: “reinou a desorganização”. Segundo a ambientalista, “a gente acudiu maciçamente a chamamentos de entidades ou *influencers*, mas nestas ações pisou-se muito a areia, enterrando mais os *pellets* e alterando mesmo sistemas dunares, que som refúgio de distintos animais e o lugar onde criam”.

A *Xunta* e o governo central encetaram a ação a 4 de janeiro, três semanas após as denúncias, ante a chegada dos primeiros meios de comunicação a relatar o desastre e trás o cruze de acusações entre ambos por falta de operatividade, a *Xunta* anunciava o incremento da alerta a nível 2 que facultava a Administração central para enviar mais efetivos e recursos a limpar as praias galegas. Assim as estratégias de ambos os governos mudavam: da passividade ante o desastre, para copar o debate pré-eleitoral de todos os candidatos à *Xunta*.

A 17 de janeiro, umha investigação jornalística de Elena Martín, redatora também no Novas, Javier H. Rodríguez e Pablo Santiago para *O Salto* revelava que a *Xunta* contratou uma empresa de comunicação e *marketing* vinculada ao PP para a formação de pessoas voluntárias e limpeza das

Durante semanas os trabalhos de retirada dos ‘pellets’ fôrom voluntárias convocadas por associações ecologistas sem nenhum tipo de meios, nem indicações de organismos públicos. Repetiu-se portanto a cena da gestão dos incêndios ou do chapapote

praias afetadas polo despejo. Trata-se da Silman 97 SL à qual diversas administrações governadas polo PP tenhem adjudicado dúzias de contratos. *O Salto* filtrava uns áudios de Manuel Roca, conselheiro de umha empresa matriz, Noventia Corporación Empresarial, em que convida a fazer-se formadores de voluntariado a pessoas sem experiência.



isabel garcia couso

Entretanto, a Adegga denunciava ao governo galego por “plagiar” o seu protocolo de limpeza de praias em roda de imprensa. O seu presidente Roi Cuba indicou que no passado dia 18 estavam convocados para umha reuniom com a diretora-geral de voluntariado para organizar a limpeza e que esta foi cancelada de maneira inesperada. A organizaçom ecologista indica que a “Xunta prefere contratar gente afim sem experiênciam para limpar a sua imagem” em alusom à empresa Silman.

Meios públicos a reproduzir o discurso do PP

Enquanto a imprensa espanhola punha o foco na Galiza e nas irregularidades da *Xunta*, os meios públicos galegos continuárom com o mandato

“Os únicos voluntários que podiam falar na TVG eram os que levavam os coletes distribuidos pola ‘Consellería de Medio Ambiente’, os contratados pola ‘Xunta’”, expom Raquel Lema, presidenta do Comité Interempresas da CRTVG

da presidênciam, cientes de que Alfonso Rueda tem “muito em jogo nestas eleicoens”. Raquel Lema, presidenta do Comité Interempresas da CRTVG assegura que a TVG participou da oculaçom da existênciam do despejo. “Quando já estava nas redes e nom pudo ocultá-lo mais, os meios públicos reproduzirom o relato dado polo PP sem contrastar nenhum tipo de fonte. Aqui, deu-se umha consigna clara: nom se podiam dar imagens dos voluntários nem recolher declaraçoms, os únicos voluntários que podiam falar eram os que levavam os coletes distribuidos pola *Consellería de Medio Ambiente*, os contratados pola *Xunta*”.

Lema denuncia que na Rádio e na TV públicas nom se deu voz a marinhos, mariscadoras ou grupos ecologistas, continuando a fazer a

“pré-campanha a Rueda”: “Na TVG foi apagado tudo o que indicasse que a administraçom competente permaneceu desaparecida”. A jornalista reclama “o cese do sequestro mediático da corporaçom para poder informar com rigor as galegas, que temem que ver cada dia como os informativos públicos contam o que fai Feijóo em Madrid e nom a realidade galega”.

Entretanto, a outra Galiza, a que tentavam apagar da CRTVG, era entrevistada e gravada em TVs espanholas como a *La Sexta* e meios escritos como o *Público*, o *El Diario* ou o *El Salto* assinalando a falta de transparênciam da *Xunta*. A jornalista Elena Martín indica que na Galiza nom há um jornalismo crítico e com um discurso diferente do do PP, além dos *mass media*: “fazer um jornalismo de investigaçom como o que fizemos estes dias n’*O Salto* requer quase umha militânciam jornalística porque as que trabalhamos em meios independentes somos precárias, nom podemos dedicar os nossos dias a este trabalho porque, se nom, nem pagamos o aluguer nem comemos”. Denuncia aliás que na Galiza o jornalismo nom afim ao Partido Popular nom recebe subvençoms da Xunta, dinheiro a que deveriam ter acesso todos os meios: “O PP compra com subvençoms o *La Voz de Galicia*, o *El Progreso*, o *La Región*... a relatarem notícias *random* para nom pôr o foco na gestom da *Xunta*. O outro dia ocupava a capa de um destes jornais umha notícia de um menino que leu um monte de livros, isto enquanto as costas continuavam cheias de *pellets*”.

Tanto Lema como Martín citam como exemplo a mudança na percepçom do público sobre o antigo presidente da *Xunta*, Feijóo. “Na Galiza era um líder impecável porque só se transmitia a declaraçom editada e perfeita. Os seus deslizes, a falta de rigor, as mentiras... fôrom assinaladas polos meios espanhóis ao passar a ser candidato do PP à presidênciam espanhola e assim a gente pudo descobrir um outro Feijóo”, assegura Raquel Lema.

Ambas as jornalistas incidem na importância de poder desenvolver na Galiza e a partir da Galiza um jornalismo que relate com rigor a nossa realidade, chave para a criaçom de umha opiniom pública fundada. ●

maria álvares rei
mariaalvaresrei@novas.gal

A ambientalista Yasmina García alerta da má gestom da 'Xunta' através das 'Consellería do Mar' e a 'de Medio Ambiente' e pom o foco na

falta de pessoal técnico nestas conselherias e falta de rigor científico num país que deve gerir 1500 km de costa. Insiste que a prevençom da contaminación marinha passa por "conscientizar as geraçoms mais novas".



Yasmina García
educadora ambiental

maria álvares rei

“A ‘Xunta’ nom tem estratégia contra a contaminación das nossas costas”

Que som os ‘pellets’?

Os *pellets* som um granulado plástico de tamanho pequeno, em geral inferior aos 5mm, polo que seriam considerados microplásticos, som usados como base para a fabricaçom de produtos de plástico e a sua composiçom varia entre diferentes polímeros aos que som adicionados aditivos para melhorar as suas características: dureza, absorçom da luz solar, etc..

Que perigo representam para os nossos ecossistemas?

O aumento do plástico nos últimos anos é insustentável, os microplásticos chegam as águas e provocam danos na fauna marinha, seja por toxicidade ou por ingestom (problemas mecânicos no sistema digestivo). Além disso, os plásticos tehem a propriedade de absorçom de outros contaminantes orgânicos persistentes como podem ser os metais pesados, que aderem ao plástico e daí passam para a cadeia trófica.

Aproximadamente 25% das substân-

cias dos plásticos som contaminantes. Além disto, os *pellets* podem ser confundidos com comida já que os ovos de peixe com similar forma som ingeridos por muitos animais.

Se a Galiza tivesse transferidas todas as competências no relativo ao mar -como se vem a reclamar desde há anos- poderia ter sido gerida melhor a crise?

Ter mais competências no teu território melhora a sua gestom e, neste caso, a gestom ambiental. No caso da Galiza, a incompetência da *Xunta* é tam grande que nom teria melhorado nada a situaçom. A única diferença que fijo foi disfarçar a problemática com acusaçoms ao governo espanhol, que tamém nom o faz muito melhor.

As praias som competência da *Xunta*, há um serviço de guarda-costeira da Galiza que opera os 365 dias do ano, que o único que fijo foi passear polos areais e encontrar umha saca no mar desde um helicóptero. Os despejos

“Os microplásticos chegam as águas e provocam danos na fauna marinha”

existem, polo que há que incidir numha regulaçom deste transporte marítimo. Em tanto nom se da esta regulaçom, há que atuar: o dever da *Xunta* era ter estabelecido um plano para a sua contençom, retirada e eliminaçom, que hoje ainda nom existe.

A Conselheria do Mar di que os ‘pellets’ nom representam perigo para o consumo humano. É certo?

As consequências para o consumo humano de microplásticos estão ainda a ser estudadas em diferentes projetos, mas está bastante clarificado que ingerir *bisfenol A* presente em determinados plásticos gera problemas endócrinos,

aumento da pressom arterial, afeta o sistema imunitário, e estam a estudar-se os limites desta toxicidade... tamém a dos protetores UV como o *tinuvin* que podem afetar o sistema endócrino.

Em todo o caso, este perigo já existía antes deste despejo. O que se passou estes dias é que isto se visibilizou, mas nom há diferencia no consumo de peixe de há dous meses com o de agora porque os *pellets* representam umha percentagem pequena de todo o microplástico que ingerimos.

Nestes dias assistimos a declaraçoms de diferentes representantes da Xunta contraditorias. Que há de verdade nas declaraçoms dos representantes políticos? Porque mentírom?

Esta é a raiz do problema: a *Consellería de Medio Ambiente* nom tem pessoal técnico suficiente, nom se contratam biólogos, nem técnicos no meio natural, nem ambientólogos. Para termos umha ideia da dimensom do problema: estes dias apareceu fauna morta nos nossos areais: ninguém foi recolhê-la para analisar a que podiam dever-se essas mortes.

A *Xunta* nem os concelhos desenvolvem programas de educaçom ambiental quando em todos os países acreditam na educaçom desde as escolas para modificar condutas.

Que importância tem levar a educaçom ambiental as aulas?

Toda. Neste tema dos plásticos, por exemplo, que tem umha dimensom enorme a reduçom em origem é fundamental e para isto além das leis que o regulem há que fazer participe a sociedade para modificar hábitos de consumo. Modificar estes nom é difícil, por exemplo utilizar umha garrafa de água reutilizável... a gente nom o faz porque nom existe umha consciência do problema. A maioria dos *pellets* utiliza-se para fabricar precisamente garrafas de plástico. ●

laura r. cuba
laurarcuba@novas.gal

Galiza em 2021. Com formação em ciências ambientais, esta ativista de Noia Limpa, uma das primeiras entidades a dar a voz de alarme e dispor recolhidas em praias, fala em conversa com

Madison Hourihan é original dos Estados Unidos, mas chegou à

o NOVAS DA GALIZA sobre a importância da auto-organização local para restaurar espaços naturais e defendê-los da contaminação. A sua experiência no coletivo nasce, explica, a partir de presenciar o deterioro do meio na sua vila natal. Contra o desastre natural, Hourihan colabora na divulgação, conscientização e trabalho de campo.



Madison Hourihan

ativista da
associação
Noia Limpa

gislação a nível europeio, para categorizá-los como mercancia perigosa.

Qual é a resposta institucional que detetastes?

Nós não temos um motivo político, porque funcionamos a um nível muito local (Noia, Porto d'Ozom...). Criamos um mapa com a situação de praias e pontos nos que apareceram *pellets*, que foi enviado aos Concelhos e outras associações.

E a nível popular?

Surpreendeu-nos muitíssimo a resposta da gente. Em Noia o geral das pessoas não sabiam nada dos 'pellets', mas uma vez saiu na televisão foi um ascenso imparável. A gente começou a auto-organizar-se por Telegram e WhatsApp. É incrível e emotivo a mobilização que presenciamos para defender o nosso. Vimos pessoas de Lugo ou de Ourense viajar até aqui para apanhar nos micro-plásticos.

Existe um método mais eficiente para apanhar os 'pellets'?

Agora acabam de enviar-nos um invento chamado *carrecri*, de uma empresa de Girona, que é um carrinho de mão com um sistema elétrico de cribado que funciona bem. Porém, recolher os *pellets* sem danificar o meio é um trabalho muito difícil. Nós temos um método muito artesanal, com cachos cheios de água, peneiras...

Qual é a vossa área de atuação atualmente? E previsão a futuro?

Desde Noia Limpa pretendemos continuar com as mesmas metas. Para nós o principal e mais útil seria modificar os hábitos da população para reduzir o consumo de plásticos, e não centrar-se tanto em recolhe-los. Por isso, as nossas ações passam por conscientizar da importância de cuidar e proteger o meio com os nossos atos diários. ●

“Somos um coletivo muito pequeno mas logramos ter repercussão a nível estatal”

Como nasceu Noia Limpa?

Noia Limpa fundou-se há dois anos. Duas das fundadoras e eu começamos a fazer encontros amistosos porque tínhamos muitos interesses em comum. Vimos nos nossos passeios que havia muito lixo nos caminhos, na costa... Assim é que começamos de maneira informal a levar sacos e limpar as beiras dos rios. Somos uma associação local, com muita conexão com o marisqueio. Eu sou dos Estados Unidos e a minha vila já está arruinada, assim é que sei o que se passa se não cuidamos o meio.

Como foi a deteção dos vertidos de 'pellets'?

Foi graças aos nossos perfis em redes sociais, que são muito ativos. Estamos

em contato com muitas pessoas, centros educativos... Enviaram-nos videos e fotos dessas bolsas nas praias e começamos a nos preocupar. Somos uma associação muito pequena, mas fomos capazes de ter uma repercussão a nível estatal.

Qual foi a vossa atuação?

O nosso labor foi divulgar que existiam estes vertidos, difundindo todas as evidências gráficas que recebemos e fazendo um chamamento às administrações locais para atuar. Era complexo porque coincidiu com o Natal, mas funcionou.

E agora?

Logramos que houvesse foco de atenção mediática e que começassem labo-

“Não podemos depender só do voluntarismo”

res de limpeza. Paralelamente, elaboramos um mapa com informação sobre as praias nas que aparecem *pellets*, que estão cada vez mais dispersos. Nós continuamos com as atividades, mas sabemos que não podemos fazer tudo. Por mais que nos encha o coração ver as pessoas nas praias não podemos depender só do voluntarismo: precisamos uma acção organizada, profissional, rápida e com muitos mais meios e pessoal. Isto leva-nos também a sinalar a necessidade de mudar a le-



ronseis / Xoán Sörga / 18

cultura / inteligência artificial / 20

cultura / livros / 22

Nomear os seres vivos

Nesta ocasião, João Aveledo poussa a sua atención nos nomes de animais e plantas na nossa língua, que conta com um rico leque de variantes populares. Aveledo expom a falta de umha lista-padrão de nomes no âmbito da língua portuguesa, em contraste com o que acontece com o castelhano, e aposta em construir umha terminologia capaz de assumir a realidade intercontinental da lusofonia, com os acréscimos das diferentes línguas indígenas que entrárom em contacto com a nossa. [página 16](#)



A GALIZA NATURAL /

Os nomes dos seres vivos em galego

joão aveledo

Na obra *Systema Naturae*, o cientista sueco Lineu desenvolveu em meados do século XVIII a moderna taxonomia, ordenando os diferentes seres vivos mediante um sistema hierárquico-binomial latinizado. Um dos problemas mais importantes que enfrentou Lineu era a extrema abundância de vernáculos regionais, o que supunha uma séria dificuldade para a comunicação científica, pois o mesmo animal ou planta podia ser designado com inúmeras denominações, ainda dentro da mesma língua e até, por vezes, uma mesma denominação fazia referência a espécies completamente diferentes dependendo da localidade.

No nosso idioma temos inúmeros exemplos disto. Uma ave como o 'peto-verde' (*Picus viridis*) tem mais

de cinquenta nomes tradicionais (cavalo, cardeal, carraca, formigueiro, pito-verdeal, peto-pegá, rinchão...) e, como vemos, muitos deles designam também outros animais! 'Rosmaninho' refere-se ora a *Rosmarinus officinalis* (o 'romeu'), ora a *Lavandula sp.* (um tipo de 'lavanda')... Ou um 'cágado' pode nomear quer um 'girino' (larva de anfíbio), quer um 'sapo-concho' (tartaruga de água doce)... e vice-versa! um 'sapo-concho' pode referir-se a um 'girino'... Que confusão!

Lineu unificou esta infinidade de termos populares, tantas vezes contraditórios, atribuindo um nome em latim a cada espécie. A proposta mantém-se até aos nossos dias nas publicações científicas de todo o mundo, mas o latim não é assim tão prático para

Uma ave como o 'peto-verde' (*Picus viridis*) tem mais de cinquenta nomes tradicionais (cavalo, cardeal, carraca, formigueiro, pito-verdeal, peto-pegá, rinchão...) e, como vemos, muitos deles designam também outros animais

as conversas informais ou para a divulgação ambiental. Isto levou ao estabelecimento de listas-padrão de formas vernáculas nos diferentes idiomas, especialmente, para nomear os vertebrados, as árvores e algumas outras plantas superiores (os demais animais, plantas, fungos ou microorganismos ficam, na maior parte dos casos no campo da ciência mais especializada, longe do grande público).

A escassa tradição naturalista galega e a memorização da nossa língua explicam que tenhamos de remontar aos anos 1977-1978 para vermos a publicada na revista *Braña* da Sociedade Galega de História Natural (SGHN) a primeira lista galega de nomes de aves da autoria de C. Pedreira e X. M. Penas Patiño. Uma nova proposta seria feita em 91 por M. Conde e T. Vidal e apresentada no I Congresso Galego de Ornitologia, sendo adotada pola Sociedade Galega de Ornitologia. O antes mencionado Penas Patiño também seria chave na publicação, em 1980, da lista de mamíferos da SGHN. E ainda influiria na proposta inicial feita por P. Galán e J. Curt, em 82, para a nomenclatura de anfíbios e répteis.

A zoonímia galega padece, em geral, de falta de rigor filológico (vulgarismos, dialetalismos, castelhanismos, costas viradas à Lusofonia...), pensemos que foi feita por naturalistas com limitados conhecimentos linguísticos na maior parte dos casos e adaptada à normativa castelhanizante oficial. Daremos aqui alguns exemplos para o entender. Se a espécie *Salamandra salamandra* é denominada nas principais línguas de forma parecida (cast. *salamandra*, em fr. *salamandre*, em ing. *salamander*, port. *salamandra*...), denominaremo-la academicamente 'píntega', quando ademais das duas subespécies galegas só uma tem pintas!? Se em 1861 Seoane recolhe como deno-

A terminologia para designarmos as diferentes espécies do Planeta não pode ficar restrita apenas às quatro províncias galegas ou à faixa ocidental peninsular e deverá assumir a realidade intercontinental da Lusofonia

minação em galego para o *Ursus actos* ‘urso’, insistindo na “*escolencia de nuestra lengua, baciendo ver la conexión que tiene con la latina*” e que os “*portugueses le dan el mismo nombre*”, denominaremo-lo ‘oso’? E sendo ‘pita’ a denominação lucense comum para galinhas, não se deve estranhar que nos Ancares lhe chamem ‘pita-do-monte’ ao *Tetrao urogallus*, mas noutras serras da Galiza e do norte de Portugal onde habitava, este galináceo era denominado ‘galo-montês’, que nome escolheremos? Assinalemos que em Portugal optaram desafortunadamente, do nosso ponto de vista, polo cultismo ‘tetrax-grande’.

Segundo o professor C. Garrido, a “*escasez de denominaciones paracientíficas identificadoras e vernáculas eruditas disponíveis em português tem ficado a dever-se, por um lado, a uma relativa falta de desenvolvimento dos estudos taxonómicos, ou de biologia sistemática, nos países lusófonos, mas também, por outro lado, à pouca vitalidade que entre nós tem tradicionalmente mostrado a elaboração e edição de obras didáticas e divulgadoras sobre história natural*”.

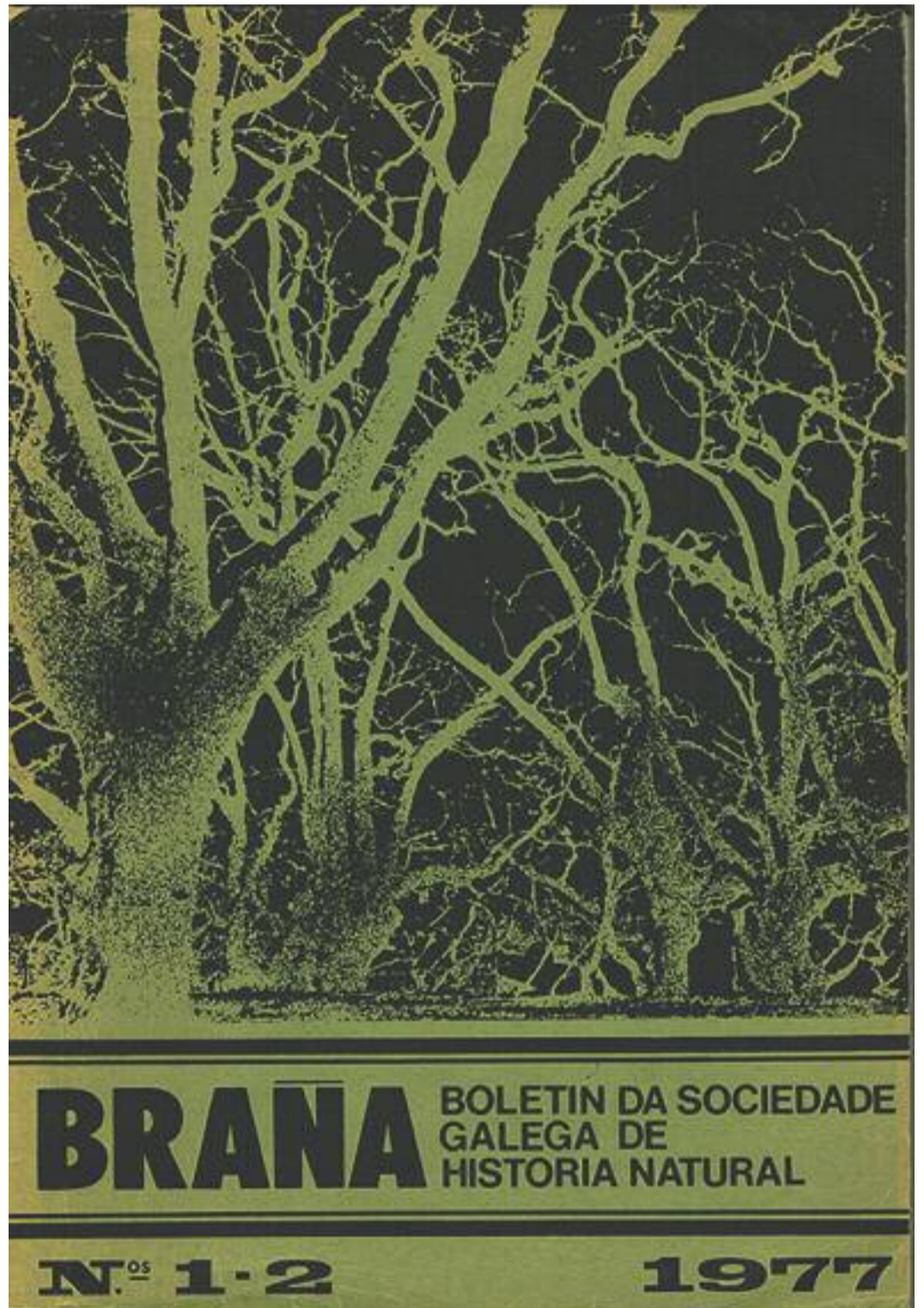
Assim a primeira tentativa de estabelecer uma lista-padrão portuguesa de nomes de aves data de 1962 e deve-se a Sacarrão, esta viria a ser atualizada em 79 por Sacarrão & Soares, sendo uma referência fundamental para a ornitologia lusa, no entanto, em 2000, Hélder Costa et al., fariam uma nova proposta que tinha mais em consideração os nomes tradicionais em Portugal e no resto da Lusofonia (incluída a Galiza). Contudo, continua a suscitar controvérsias em muitos dos termos escolhidos.

O caso é que, por agora, não se chegou a um consenso, como o atingido no castelhano, onde o biólogo F. Bernis, um dos fundadores da Sociedad Española de Ornitología (SEO), publicou em 54 o *Prontuario de la Avifauna Española*, que incluía a *Lista*

Patrón da SEO e já como catedrático emérito colaborou na elaboração dum catálogo dos nomes em castelhano das aves do mundo publicado entre 1994 e 2012. Sem dúvida, o prestígio deste catedrático com amplos conhecimentos filológicos e de campo, contribuiu grandemente para o acordo geral. Bernis entendeu a lista padrão como espanhola e hispano-americana e não apenas castelhana, acrescentando vernáculos doutros idiomas peninsulares e ameríndios. Neste sentido, os anos passados como professor de liceu em Lugo (1943-1956) contribuíram para o seu conhecimento dos nomes populares ga-

legos. Alguns destes seriam depois incorporados à Lista da SEO, adaptados convenientemente ao castelhano, p.ex., ‘arao’, ‘paíño’...

Da mesma maneira, a terminologia para designarmos as diferentes espécies do Planeta não pode ficar restrita apenas às quatro províncias galegas ou à faixa ocidental peninsular e deverá assumir a realidade intercontinental da Lusofonia, mesmo com acréscimos das diferentes falas com que entrou em contato a nossa língua: tupis-guaranis, crioulos, umbundu, macua, balanta, tétum, concani... Ai! porque o galego já não nos pertence só a nós. ●





Edelmiro M. Cerredelo, investigador da memória da Límia.

MEMÓRIA DA GUERRILHA ANTIFRANQUISTA / A derradeira fugida de Xoán Sorga

erik dobaño

“A morte sempre deixa um rabo”, conta Miro Cerredelo, o principal investigador da memória da Límia e o primeiro que abordou a guerrilha nesta parte da raia, que dizia Corona, a sua mãe. O rabo é uma dúvida, mas também o fio que permite puxar da memória.

Xoán Sorga era um mito sem morte, um guerrilheiro quase por acaso –como diz Cerredelo–, um moço no ano 36 a quem o golpe fascista apanhou na sega em Castela, indo para Madrid, onde se integrou no Exército da República até atingir o grau de tenente. Após a derrota foi preso, retaliado, salvou a vida, voltou para casa. Viveu discreto, em silêncio, um labrego que um dia se topou com a guerrilha procurando refúgio na aldeia de Paços (Sandiás), lá onde fica a lagoa.

“Resulta que os guerrilheiros tinham marcado um encontro com um enlace em Ourense e o Sorga ofereceu-se a fazer o contacto porque tinha que ir à capital para subministrar a loja do sogro, o Honorino, na aldeia”, conta Cerredelo. “Quedaram onde a ponte

nova e o enlace tinha que se identificar com um apóspito na cara. Apareceu mas era um infiltrado e os guarda-civis capturaram o Sorga. Pela noite regressaram com ele para a aldeia. Tinha que lhes facilitar a entrada na casa mas acordaram uma senha de perigo, sendo esse o que deu o Sorga ao chamar. Iniciou-se um tiroteio. O Sorga escapou e, depois de livrar-se das algemas na casa de um ferreiro e sarar na casa dos avós, em Cortegada (Sarreaus), botou-se ao monte com a guerrilha”. Era o mês de agosto de 1948.

Esse foi o fio de que partiu o investigador há duas décadas, enquanto trabalhava no seu ensaio *Historia e memoria. A Límia, 1931-1953*, um livro capital que deveria ter animado novas pesquisas, mas já se sabe como são as cousas da memória.

A guerrilha aparece na Límia à volta da segunda metade da década de quarenta. “Muitos eram do norte do país e alguns do exterior, que passaram desde a França, como o comissário político César González, para estabelecer aqui a II Agrupação do Exército Guerrilheiro da Galiza. O chefe era Saúl Mayo e tinham a sua base na Edreira”, explica Cerredelo.

O grupo da Edreira começou a se desfazer após ser surpreendido em Ourense, em março de 1949. Xoán Sorga liderava uma partida de seis homens que tinham a missão de matar dous guarda-civis e dar vários golpes. O guerrilheiro Camilo Dios, falecido em 2019, contava-o assim: “Quem tinha de nos levar a comida não chegou com ela. Alguém nos descobriu ou nos detectou. Estávamos comendo, com muito frio, lá numas vinhas. Num momento estávamos cercados e caiu um morteiro cabo de mim”. Os guerrilheiros responderam –na primeira refrega mataram dous guardas–, fugiram, mas acabaram sendo rodeados numa casa isolada em Ourense. O Sorga conseguiu escapar. O resto, todos feridos, foram detidos. Camilo Dios tinha 16 anos. Incorporara-se à guerrilha com a mãe, Carme, e o irmão Perfecto, uns meses antes, após serem descobertos como enlaces em Sandiás.

A guarda-civil descobriu a base da Edreira em abril. Mataram o líder guerrilheiro Benigno Fraga e assassinaram o enlace Francisco Fernández, o *Galán*. A II Agrupação desapareceu. Xoán Sorga, Manuel Rodríguez González, Perfecto Dios e a sua mãe, ▼

Xoán Sorga era um mito sem morte, um guerrilheiro quase por acaso, um moço a quem o golpe fascista apanhou na sega em Castela

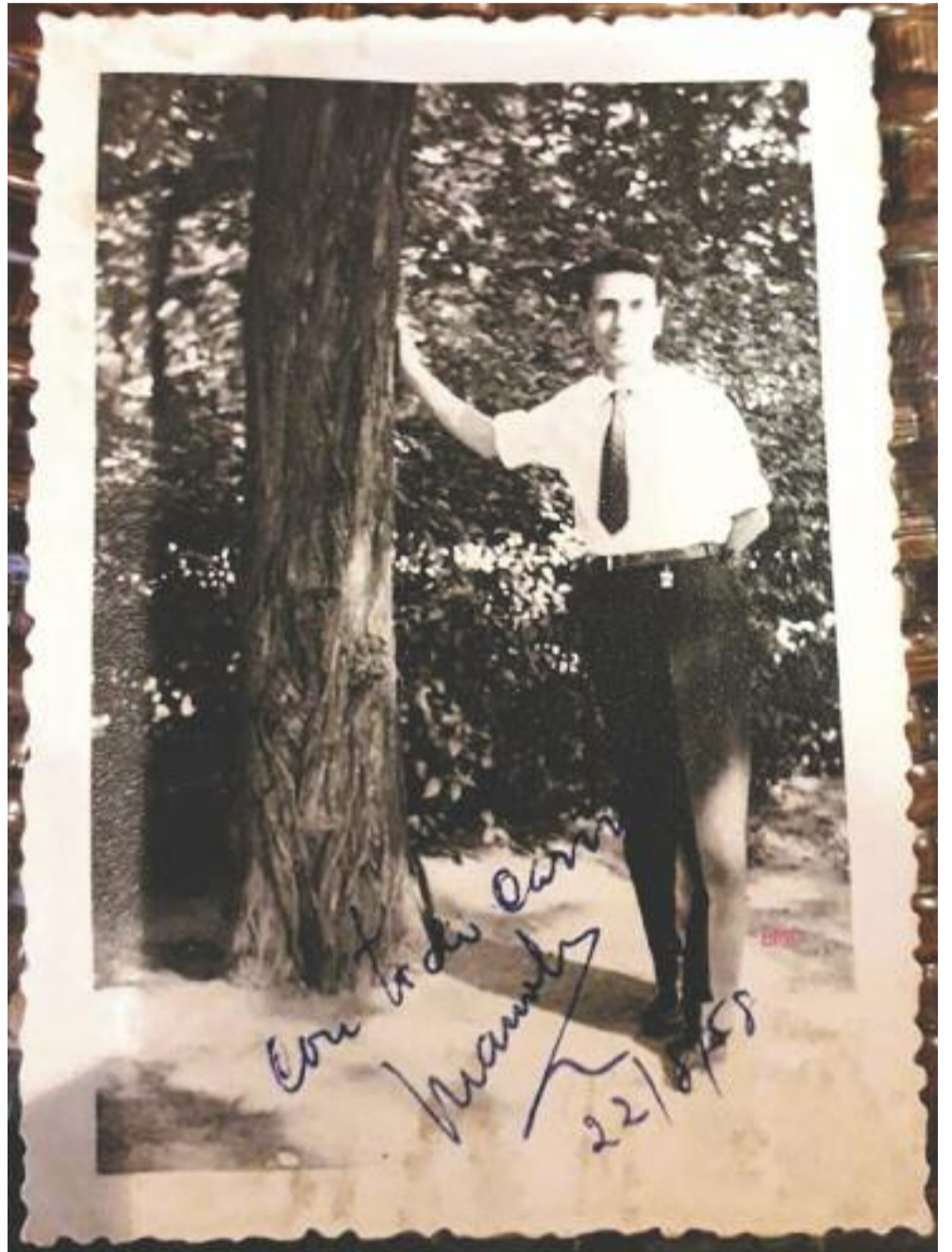
► Carme, juntaram-se. “Sorga dizia que tinha contactos em Madrid mas não chegaram os quatro. Em Chaherrero (Ávila), num enfrentamento com a guarda-civil, caiu Perfecto Dios –o seu irmão Camilo exumou os restos em 2014 com o financiamento de uma entidade norueguesa– e foi detida Carme”, conta Cerredelo. “O Sorga e o Manuel continuaram a fugir e, desde Madrid, apanharam um comboio para Saragoça. Em alguma das paragens, teve de entrar a brigada da guarda-civil e, ao lhe pedir os documentos de identidade, o Manuel quis-se defender e botaram-se a ele. O Sorga saltou do comboio e nunca mais se soube dele...”

Foi a última fuga do Sorga (a primeira em Paços, a segunda no cerco em Ourense).

A violência contra a sua família começou depois do assalto à casa de Paços. Em novembro de 1948, detiveram os seus irmãos: António, Francisco e Ismael, além de três vizinhos mais. Foram torturados em Ourense. Miro Cerredelo recolhe as lembranças do António. “Passavam de um em um. O último, o Ismael, que não voltou a baixar às celas. Apanharam-os e meteram-os numa carrinha. Pensavam que os iam executar. Foram presos. O Ismael apareceu essa noite numa cela na aldeia de Pena, perto de Paços”, conta o investigador. A mulher de Sorga, Ángela Sampedro, foi detida várias vezes. Uma delas, em abril de 1949. Farta de vexações e malheiras, estando presa em Sandiás, tentou-se suicidar com uma faca.

O companheiro de fuga do Sorga, o Manuel, foi julgado, condenado e finalmente assassinado em Ourense a garrote vil, no dia 3 de setembro de 1951. A história rematava com a declaração do Manuel naquele júízo.

Porém, no verão do ano passado, Martin Huguet contactou com o Miro Cerredelo para recolher notícias de quatro guerrilheiros do grupo da Edreira. Era um neto de Manuel Iglesias Méndez, que buscara sem êxito a partida de nascimento deste em Verim. Foi fiando até chegar à verdadeira identidade: o seu avô foi Xoán Sorga antes de conhecer a sua avó, Francisca.



Manuel Iglesias Méndez (Xoán Sorga) no verão de 1958 em Paris.

O Sorga fora colgado debaixo do vagão do mesmo comboio em que os surpreenderam até Saragoça e desde ali regressou a Madrid, onde continuavam a operar redes clandestinas. A cartilha do seguro obreiro de Iglesias Méndez –do qual não se tinham mais dados– permitiu-lhe ter uma nova identidade, começar a trabalhar num laboratório onde o diretor era de “confiança” e conhecer a Francisca.

O Xoán Sorga, segundo conta o neto ao Cerredelo, teve uma vida longa. Teve duas filhas com Francisca. Em Madrid estiveram até o final da década de cinquenta. E, segundo a memória familiar, decidiram sair para a França quando finalmente ficou claro que os EUA consentiam a ditadura de Franco. Estabeleceram-se em Paris. A finais da década de setenta comprou uma casa em Oliva (Valência). O Xoán/Manuel voltava cada ano ao Estado espanhol e visitava a família de Francisca em Madrid. Nunca visitou os

seus na Límia. Nunca tiveram mais notícias dele.

Vivem alguns primos, aos quais o neto francês entrevistou porque está a filmar um documentário para contar a história completa. Porém o Xoán Sorga desapareceu para sempre quando saltou do comboio para fugir da brigada da guarda-civil.

“Por uma parte, foi uma satisfação conhecer o final”, diz o Miro Cerredelo, “mas também resulta um final amargo. Nunca voltou à Límia. Suponho que por medo ou porque estava casado na Espanha e na França... Nunca o saberemos. Aguardo que o documentário do neto deite alguma luz sobre o seu final”.

Manuel Iglesias Méndez morreu em Madrid, durante uma daquelas visitas à Espanha em 2009. Francisca contou que botou ali as suas cinzas. Não precisou o lugar, diz o neto. Ela, a única que conheceu as duas identidades do Sorga, faleceu em 2023. A morte sempre deixa um rabo... ●



Cabeça robótica no 'stand' do 'Proxecto Nós' no Culturgal.

O galego na era dos grandes modelos de língua

paulo gamalho

Os grandes modelos de língua estão a revolucionar as tecnologias linguísticas por serem ferramentas essenciais no campo do processamento da língua natural, capazes de realizar múltiplas tarefas, como reconhecimento e síntese de voz, tradução automática, geração de texto, extração de informações, resumos automáticos, análise de sentimentos, diálogo e mesmo correção e validação linguísticas. Embora já estejam a ser utilizados no processamento da língua natural desde finais do século passado, o conhecimento dos modelos de língua polo público geral deu-se em finais de 2022 com a aparição de ChatGPT. Nessa altura, aconteceu um facto muito relevante, totalmente inesperado e de grande impacto global: cinco dias após o seu lançamento, em dezembro de 2022, o ChatGPT atingiu um milhão de utilizadoras

registadas, algo que não tinha acontecido com qualquer tecnologia de impacto, como Netflix, Facebook ou Instagram. É de salientar que se trate duma ferramenta linguística a que lidere a captação de usuárias, ultrapassando as plataformas mais populares de música, filmes e até as redes sociais massivas.

É preciso termos em conta que os maiores modelos na atualidade, nomeadamente GPT-4 de OpenAI, LLaMA de Meta ou PaLM de Google, são grandes arquiteturas em redes neuronais artificiais com milhares de milhões de parâmetros, que precisam duma grande quantidade de energia para poderem ser treinados. O modelo PaLM, por exemplo, tem uma arquitetura de 540 mil milhões de parâmetros, que precisou para o seu desenvolvimento de centenas de milhares de milhões de palavras e uma quantidade de energia superior à que consome num

O conhecimento dos modelos de língua polo público geral deu-se em finais de 2022 com a aparição de ChatGPT

dia uma grande cidade como Nova Iorque. Os enormes custos económicos e energéticos necessários para treinar estes modelos reduzem as expectativas de muitos pequenos grupos de investigação, pois o seu desenvolvimento está concentrado em

grandes empresas e Estados com fortes investimentos em I&D. De facto, existe uma batalha geopolítica para desenvolver estes grandes modelos. Além das grandes corporações estadunidenses, há grandes modelos chineses, russos, árabes, alemães, franceses e israelitas. Os países e empresas querem desenvolver modelos próprios para poderem controlá-los sem necessidade de depender de terceiros. Alguns dos projetos utilizam tecnologia aberta, mas muitos são modelos fechados, como GPT-4, e só podem ser utilizados através de subscrições às API que os disponibilizam.

Do ponto de vista técnico, os modelos de língua, tanto probabilísticos como neuronais, baseiam-se numa tarefa de aprendizagem relativamente simples: a predição duma palavra em contexto. Assim, constroem o conhecimento linguístico necessário para gerar textos de boa qualidade. Mas as grandes arquiteturas em redes neuronais também permitem, com base na simples predição, a emergência de propriedades semânticas que não surgem nos modelos de menor tamanho. Nomeadamente, os grandes modelos adaptam-se facilmente a novas tarefas linguísticas sem ter sido treinados especificamente para elas. Com simples instruções, podem responder a perguntas, dialogar coerentemente, raciocinar ou mesmo traduzir. A comunidade científica ainda não conseguiu explicar por que estas novas capacidades dos grandes modelos emergem a partir da simples predição.

Porém, os grandes modelos de língua também apresentam eivas graves e difíceis de resolver. Sem sermos demasiado exaustivos, estes seriam os principais problemas: dependem duma quantidade gigantesca de dados linguísticos que precisam de ser limpos e corrigidos; o custo da atualização dos modelos acarreta um enorme dispêndio energético e económico; não existe um mecanismo objetivo e sistemático de avaliação da qualidade do texto gerado; têm pouca fiabilidade com os factos e tendem a gerar alucinações, o que é devido, em parte, a que os modelos aprendem a partir de todo tipo de fontes de dados, fiáveis ou não; não estão alinhados com as expectativas das normas éticas elementares, pois são modelos que tendem a reproduzir os viés racistas e de género que já se encontram nos dados



Frente às grandes tecnológicas privadas, projetos livres e comunitários são os que nos permitirão gerir a construção do discurso gerativo

usados no treino; não é claro que respeitem os direitos de autor das obras e artigos que foram extraídos da Web sem autorização; e, finalmente, o texto gerado é indistinguível do texto humano, o que favorece a difusão de informações falsas e a propagação de desinformação à escala mundial e através das redes sociais a baixo custo.

No Projeto Nós, coordenado pola USC (CITIUS e ILG) e a *Xunta de Galicia*, estão a se desenvolver recursos de alta qualidade e modelos de língua para o galego, todos distribuídos baixo licenças livres e abertas. O português, como variante largamente utilizada neste âmbito tecnológico, é um aliado estratégico

para a elaboração de modelos de geração e tradução com uma alta qualidade linguística descastelhanizada. No entanto, é preciso termos também recursos textuais próprios, fornecedores de conteúdo ligado à nossa cultura, história e realidade socio-económica. Sem esse conteúdo, os modelos linguísticos derivados não terão o conhecimento do universo galego, necessário para interatuar e responder com naturalidade às dúvidas sobre o nosso património cultural.

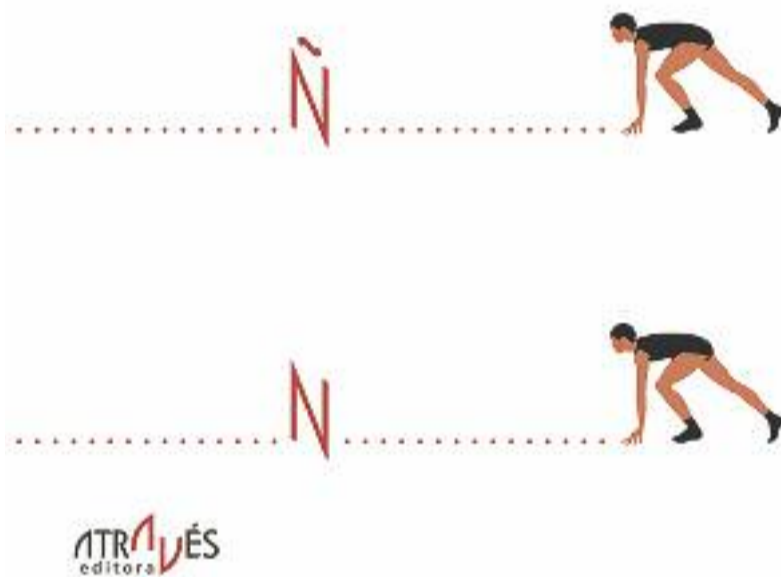
O controlo sobre os dados e conteúdos é e será um fator decisivo na corrida para dominar a inteligência artificial gerativa. Neste contexto, é preciso que comunidades de desenvolvedoras destas tecnologias linguísticas em código aberto, com ajuda das instituições públicas, sejam as que tomem o controlo dos dados e conteúdos que se utilizem no treino dos grandes modelos, pois são os conteúdos gerados por estes os que, provavelmente, se tornarão em referentes culturais, académicos, intelectuais e ideológicos nos próximos anos. Frente às grandes tecnológicas privadas, projetos livres e comunitários são os que nos permitirão gerir a construção do discurso gerativo, que se tornará em dominante e hegemónico, com uma influência direta nas nossas vidas e, sobretudo, na educação das nossas crianças. ●

ASSIM NASCEU UMA NORMA

PEQUENA HISTÓRIA DA CORRIDA LINGUÍSTICA
NA GALIZA ENTRE 1970 E 1983

JOSÉ JOÃO RODRIGUES

Prólogo de Elias J. Torres Feijó



LITERATURA /

A configuração normativa na Galiza autonómica

alberto paz-félix

O Movimento Reintegracionista, desde as suas origens institucionais na periferia do Sistema Cultural Galego da década de 80, procurou explicar o desenvolvimento, as causas e as consequências do processo de configuração normativa que, entre as décadas de 70 e 80 do século XX, levaram a que as *Normas Ortográficas e Morfológicas do Idioma Galego* (NOMIG), elaboradas pela Real Academia Galega (RAG) e o Instituto da Língua Galega da Universidade de Santiago de Compostela (ILG-USC), fossem instituídas como de obrigado uso nos âmbitos educativo e administrativo pelo poder político autonómico. A obra *Assim nasceu uma norma. Pequena história da corrida linguística na Galiza entre 1970 e 1983* de José João Rodrigues,

é um dos últimos livros de Através Editora e, também, a última abordagem sobre o complexo processo normativo a que nos referimos.

José João Rodrigues interpreta o conflito produzido nos campos político e cultural galego como uma “corrida” onde diversos grupos se posicionaram em base aos seus discursos ideológicos e interesses estratégicos entre 1970 e 1983. Isto é, desde o ano de publicação da franquista *Ley General de Educación*, que contempla a possibilidade de que as chamadas “línguas nativas” fossem incorporadas como matérias opcionais ao sistema de ensino; até a aprovação no Parlamento de Galicia da *Lei de Normalización Lingüística*, que atribui à RAG a autoridade para a fixação do corpus da, estatutariamente, “língua própria” da

Rodrigues interpreta o conflito produzido nos campos político e cultural como uma “corrida” onde diversos grupos se posicionaram em base aos seus discursos ideológicos

O processo de padronização não foi uma simples escolha de uma “norma científica apropriada”

Galiza. No ano anterior (1982) tinha sido aprovado o conhecido popularmente como Decreto Filgueira, que obriga nos âmbitos institucionais autonómicos ao uso das NOMIG.

O livro está dividido em várias partes, organizadas em duas secções. Na primeira metade explica-se o contexto social, político e cultural que permite compreender as posições políticas em disputa, para depois abordar cronologicamente desde a criação das primeiras instituições galegas dedicadas à normalização nos inícios do século XX até os discursos sobre a língua existentes na passagem para o regime autonómico, desde o culturalismo pinheirista de Galaxia até o anti-imperialismo da Unión do Povo Galego (UPG). Na segunda metade o discurso foca o processo de configuração normativa a partir da relação de eventos e a ação de grupos, concluindo com a marginalização das propostas reintegracionistas e a oficialização das NOMIG.

A análise de José João Rodrigues permite entender como o processo de padronização do galego não foi uma simples escolha de uma “norma científica apropriada” para o galego, mas um processo intimamente ligado com a planificação cultural e linguística com que os grupos político-culturais mais institucionalizados no final do franquismo conseguiram fixar e reproduzir a ideia de língua legítima na Galiza autonómica. Este é o relato minucioso, portanto, das posições e as estratégias que permitiram a estes grupos construir o galego autonómico, e pode ajudar muito a planificar a alternativa daqueles outros grupos que ainda se debatem entre a resistência e a cooptação. ●

CENTROS SOCIAIS

**COMPOSTELA/
O PICHEL**
Santa Clara
CASA DE SAR
Curros Enríquez

**VIGO/
DISTRITO 09**
Coia
FAÍSCA
Calvário
A REVOLTA DO BERBÊS
Rua Real

**PONTE VEDRA/
CS A PEDREIRA**
Rua Serra

**OURENSE/
CSO A KASA NEGRA**
Perdigom
A GALLEIRA
Praça Sam Cosme

**SALZEDA DE CASELAS/
O MATADOIRO**
Senda do rio Landres

**RIBEIRA/
CSA O FERVEDOIRO**
Rua Mendes Nunes

**LUGO/
CS MÁDIA LEVA**
Serra dos Ancares
CS VAGALUME
Rua das Nóreas

**CORUNHA/
CS A COMUNA**
Doutor Ferrant
CS GOMES GAIOSO
Marconi
**ATENEO LIBERTÁRIO
XOSÉ TARRÍO**
Gil Vicente

**FERROL/
CS ARTÁBRIA**
Trav. Batalhons
ATENEO FERROLÁN
Magdalena

**NAROM/
CS A REVOLTA DE
TRASANCOS**
Alcalde Quintanilla

**ALHARIZ/
CSA CAMBALHOTA**
Caminho do Castelo

**A GUARDA/
O FUSCALHO**
Frente a Atalaia

**PONTE D'EUME/
LS DO COLECTIVO
TERRA**
Avda. da Corunha
**CSOA A CASA DA
ESTACIÓN**
Avda. Ferrol

**BURELA/
CS XEBRA**
Leandro Curcuny

**TERRA DE MONTES/
A DE ROUSMERI**
Caroi

**CANGAS/
A TIRADOURA**
Reboredo

**CASTROVERDE/
A CHAVE DAS NOCES**
Sam Juliam de Pereiramá

**SÁRRIA/
BURIL**
Travessia da Rua Nova

isto nom é um periódico



nas tuas maos tes umha ferramenta feita com o trabalho de muitas pessoas que cada mês fam a sua achega à construçom dum meio próprio, que acompanhe a galiza que se move e abra fendas nas estreitas paredes do discurso dos poderes.

mas esse trabalho, do jornalístico à distribuiçom, move-se graças ao motor da nossa comunidade de leitoras. desde a aposta firme na independência informativa, as subscriçoms som a garantia de mais e melhor informaçom crítica, mais e melhor novas da galiza. por isso, está também na tua mao.

fai-no possível
em www.novas.gal/loja



VietCong
grupo de
livre improvisaçom

cedida por vietcong

“Exploramos a relação entre música e política emancipatória”

elena martín lores
elenamartinlores@novas.gal

Daniel Salgado é jornalista, poeta e músico, mas prefere apresentar-se dizendo, entre risos, que “fai algumas cousas”. Nesta entrevista fala de Vietcong, o grupo de música de livre improvisaçom que tem junto com Luis Garrido, Alexandre Losada e Marcos Flórez.

E nom lembras entom de onde sai no vosso caso?

Nom lembro bem, mas sei que nom foi tanto pola brincadeira como por utilizar essa referência histórica e polo som da palavra, que é mui sonora. Depois, como todo o projeto

gira un pouco em torno da relação entre música e política emancipadora, de algunha maneira parecunos que podia ficar bem.

Como definirias o vosso estilo?

Há algo do que se chama livre improvisaçom, e também *punk* e *noise*. Bastante ruidoso e contundente.

Fazedes concertos? Tendes algum planeado para este ano?

Sim, tocamos já no País Basco, em Madrid... E na primavera temos um par deles já pensados, mas aínda nom estám pechados.

E que tal a resposta do público?

Quiçá no panorama galego seja umha proposta singular. De facto, sempre temos essa dúvida, porque quem nom gosta, nada diz, e quem gosta, sim, nom é? Mas em geral a resposta é boa. Tocamos num circuito bastante peculiar, porque sempre som centros sociais ou organizaçoms políticas. E isto é algo que eu agradeço muito, julgo mui sintomático, porque de algum modo, essa relação entre estética e política, entre música e política, fica confirmada quando te chama um sindicato para tocar. E mais aínda sendo umha música que nom diria que seja difícil, mas que nom é majoritária.

Tendes maior sucesso fora que aqui?

Na Euskal Herria há mais tradiçom, entre aspas, de músicas deste tipo. Entom, tenhen um circuito e um público que responde já a este tipo de propostas, que aqui na Galiza quiçá nom é tam claro. Aínda que, por exemplo, no Liceo Mutante funciona, daí também o nosso vínculo. À parte que é o lugar onde costumávamos ensaiar. Agora já nom, claro.

Como arranca o projeto de ‘Vietcong’?

O projeto nasce mui ligado ao Liceo Mutante de Pontevedra, porque tanto o guitarrista Alex Losada como o saxofonista e encarregado da eletrónica, Luis Garrido, formam parte do coletivo do Liceo Mutante desde que abriu. Somos amigos desde há muitos anos, eles antes tinham outra banda também de livre improvisaçom, mas sem voz. Quando publiquei um livro de poemas, há seis anos, intitulado *O gran rexeitamento*, Álex e Luis sugerírom a ideia de tentar fazer algunha leitura dos poemas do livro acompanhada de saxofone e guitarra. E, a partir daí, isso converteu-se Vietcong. Que já nom é nada que tenha a ver realmente com a poesia, agora é umha cousa mais centrada no som, na música.

Entom levades seis anos com este projeto?

Mais ou menos. aos dous anos de começar incorporou-se à formaçom o baixista Marcos Flórez.

Custou-me um pouco encontrar a vossa música. Está nalgumha plataforma?

Estamos en Bandcamp. Depois envio-che o *link* porque nom me lembro do nosso nome exacto. É Vietcong e algo mais, porque há muitos Vietcongs en Bandcamp. [Após a consulta, confirmaram que o *link* é vietcongbasalto.bandcamp.com].

Sim, ia-che dizer que buscando Vietcong encontrei bastantes grupos que se chamam igual, nom fazia ideia.

(Ri) Sim, de facto... Nom me lembro mui bem nem de como surgiu, mas encontrei umha vez um grupo americano de *bardcore* que tivo que mudar o nome porque nom lhe deixárom entrar em nom sei que país.

O galego na União Europeia

Samuel Pimenta

“**A**fala da Galiza, o português de Portugal, o português de Brasil, e os português dos distintos territórios lusófonos formam um único diassistema linguístico, conhecido entre nós popularmente como galego e internacionalmente como português”. Estas são as palavras de Ricardo Carvalho Calero, filólogo e escritor galego, a propósito desta língua que partilhámos. Língua nascida na faixa atlântica da Península Ibérica, testemunho vivo do eterno namoro entre Portugal e a Galiza, e que hoje é falada em todos os continentes.

A nossa língua é oficial na União Europeia desde 1986, aquando da adesão de Portugal. Por essa razão, sobre a petição do governo espanhol para que o catalão, o basco e o galego passem a ser novas línguas oficiais na UE, há que separar as águas. O caso do catalão e do basco é relativamente simples, embora considere que o reconhecimento de ambas as línguas nas instituições da UE seja tardio. No que diz respeito ao galego, há que ser consciente de que já é língua oficial na EU, apenas sob outra nomenclatura. Tanto que, aos dias de hoje, os eurodeputados que se expressam em galego são interpretados como falantes de português e, dessa forma, traduzidos para as restantes línguas.

Ao avançar mesmo com a “oficialização” do galego nas suas instituições a pedido do governo espanhol, a UE deverá reconhecer que este é uma variante da língua portuguesa, com as suas especificidades, lado a lado com o português falado noutros territórios. No fundo, seguir a tese de Ricardo Carvalho Calero com que iniciei este texto. De outra forma, será mais uma manobra de ataque à matriz linguística, cultural e identitária da Galiza, contribuindo para a sua destruição programada há séculos. E quem perde a língua, perde a alma.